

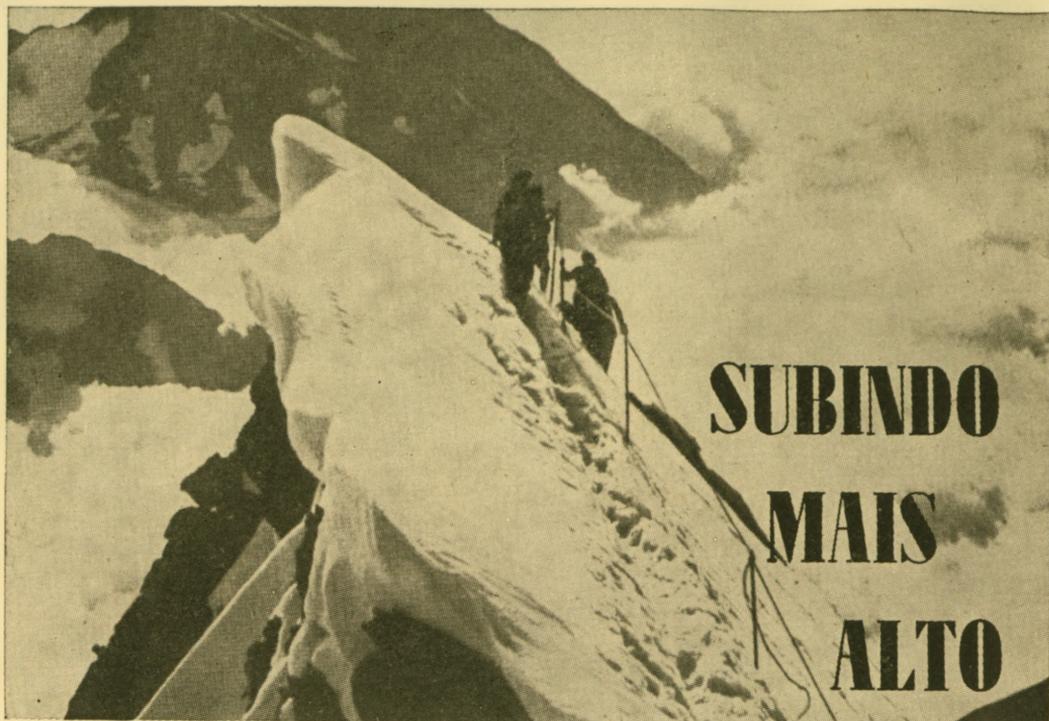


©

# Ministério

*Adventista*

Julho-Agosto de 1968



EWING GALLOWAY

# ou o Valor de Farpas Espirituais

JOSÉ N. HUNT

“Senhor, quando me vires em perigo de estacionar, por piedade — por terna piedade — coloca um espinho em meu abrigo, para livrar-me disto!” — Jorge Whitefield.

**3.422** QUILOS de pura prata (87.420 dólares ou uns 280 mil cruzeiros novos) é muito dinheiro. Embora Amazias não fôsse tesoureiro, preocupou-se com essa prata. “Que se fará, pois — lamentou êle — dos cem talentos de prata que dei às tropas de Israel?” II Crôn. 25:9. Amazias era um administrador cauteloso e um dirigente progressista. Planejando uma cruzada de grande envergadura, êle convocou “cem mil homens valentes” (verso 6) e pagou-lhes adiantadamente cem talentos de pra a. Isto constituía um gigantesco investimento de Judá naquele ano, e o rei almejava que não fôsse em vão.

Justo quando êle acabara de pagar os mercenários de Israel, recebeu uma advertência de Deus. O profeta declarou que o Senhor não estava com o exército de Israel, e que se êles marchassem com o exército de Judá, a Sua

bênção não os acompanharia. Agora Amazias encontrava-se num verdadeiro dilema! Conhecendo muito bem os co-irmãos hebreus, sabia que nunca recuperaria um centavo sequer; a perda seria total! Perguntou pois para o homem de Deus: “Que faremos?” A resposta foi segura e devia vibrar as cordas do coração de cada dirigente no tempo atual: “*Muito mais* do que isso pode dar-te o Senhor.” Vers. 9. Aquilo que parecia grande aos olhos de Amazias era insignificante aos olhos de Deus.

Será que essa mesma tendência de Amazias constitui um entrave ao progresso denominacional? Em razão de ficarmos deslumbrados com as centelhas de nossas “brilhantes” atividades, tornou-se a nossa visão tão empanada e míope que deixemos de discernir o *muito mais* que o Senhor deseja dar-nos? Conforme adverte a mensageira de Deus: “Enquanto a igreja se

contentar [e ocupar] com coisas pequenas, estará inabilitada para receber as grandiosas coisas de Deus." — *Review and Herald*, 15 de novembro de 1892.

### Estais Satisfeitos?

Esse perigo torna-se mais insidioso e fatal por causa da natural inclinação da degradada índole humana. "A mente aprende naturalmente a satisfazer-se com o que requer pouco cuidado e esforço, e a contentar-se com o que é barato e inferior." — *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White sobre Provérbios 22:29. A inspiração adverte-nos aí contra o sentimento de satisfação, contentamento ou de estar realizado na vida. Os que julgam haver alcançado o ponto culminante, e que comecem a seguir uma linha horizontal, estão em realidade iniciando a escalada descendente do outro lado do cume!

Ciente da mesquinha propensão do homem, Jorge Whitefield orava: "Senhor, quando me vires em perigo de *estacionar* [literalmente: *aninhar*, isto é, sentar-se junto aos insignificantes ovos do *status quo*], por piedade — por terna piedade — coloca um espinho em meu abrigo, para livrar-me disto!" — Citado por C. William Fisher, em *Don't Park Here*, pág. 70. Não importa a posição atual que ocupemos no serviço de Deus, o "perigo de estacionar" é um dos maiores que enfrentamos. Precisamos orar fervorosamente por espinhos remedidores — por farpas espirituais que nos tirem do comodismo.

Durante um recente congresso na União do Congo, os secretários do Departamento de Publicações na África estavam escolhendo o melhor nome em Swahili para os diretores de colportagem. Alguns sugeriram a costumeira palavra para superintendente: *Msimamizi*. Sabendo que a origem desta palavra — *kusimama* — significa "parar" ou "deter-se," opusemo-nos imediatamente a essa sugestão. Não queríamos nada disso em relação com o ministério da página impressa! Então alguém propôs a palavra *Mwendeshaji*. Esta era mais apropriada, pois derivava do verbo *kuwenda*, que significa "ir." Tinha literalmente o sentido de fazer as coisas funcionar. Infelizmente, em quase todos os setores do programa da igreja de Deus há pessoas do tipo *Msimamizi*. Tendo já estacionado, contentam-se com o pouco que realizaram. A necessidade do momento atual é a de mais homens do tipo *Mwendeshaji* — dirigentes que nunca se sintam satisfeitos consigo mesmos e creiam de todo o coração que "o Senhor pode dar-nos muito mais do que isto."

### Defronte de Uma Empresa Fúnebre

Esta convicção de que sempre existe um caminho melhor, explica por que Carlos Katering, o grande gênio automobilista, inventou o arranque automático e tantos outros melhoramentos existentes nos automóveis modernos. Ele expressa sua filosofia de maneira inequívoca: "A mudança parece vagarosa, mas é tão veloz que qualquer grande companhia industrial, apesar de próspera, que continuar fazendo as coisas como sempre, logo entrará em dificuldade. . . . Nenhuma empresa de qualquer espécie pode prosseguir indefinidamente fazendo o que faz agora. Terá de modificar-se ou fracassar. E de maneira geral isso também se aplica aos indivíduos. . . . Se recusais modificar-vos, se apenas permanecéis em ociosidade, será melhor vos assentardes defronte de uma empresa fúnebre!" — *Idem*, pág. 68.

E o mesmo sucede na obra de Deus e na vida. Nunca atingimos realmente um ponto de estacionamento. Precisamos continuar subindo, ou como o avião com os instrumentos controlados para uma aterrissagem, começar a perder altitude. Deve haver constante estender de asas em direção a picos mais altos, a muito mais, a coisas maiores e melhores, pois do contrário haverá gradual e às vezes imperceptível perda de altitude até nos aninharmos "na congregação dos mortos."

### Escalando Quilimanjaro

Durante uma aventura de cinco dias ao altaneiro pico de 6.010 m do monte Quilimanjaro, o mais alto da África, nós missionários sentimos de novo algumas das grandiosas lições de ascensão na vida. Na maior parte do primeiro dia caminhamos ao longo de veredas escuras e emaranhadas, através da quase impenetrável floresta conhecida apenas nas encostas equatoriais de montanhas vulcânicas. Durante a primeira noite, na cabana de Pedro, começamos a sentir os efeitos nauseantes da falta de oxigênio. No dia seguinte atravessamos um terreno árido e rochoso, até chegar à cabana Quibo, situada a mais de 4.500 metros de altitude. O oxigênio se tornara bastante escasso, e nosso coração batia umas 130 vezes por minuto. Com essa pulsação dobrada, a choupana primitiva, as camas duras e rústicas, e a temperatura pungentemente fria, quase não conseguimos dormir. Durante essas horas desagradáveis tive tempo para meditar a respeito das escaladas de montanhas. Recordando as estatísticas de que duas dentre cada três pessoas que tentam fazê-lo não conseguem alcançar o esquivo cume de Quilimanjaro, ouvi vozes em conflito dentro de mim, dizendo: "O que adianta chegar real-

mente ao pico? Valerá a pena correr êste risco para a saúde?"

Havia, por'm, uma farpa interna que insistia: "Não pare agora! Mostre que você é um homem! Continue subindo!"

Portanto, às duas horas da madrugada saímos da cabana Quibo para iniciar a arremetida final em direção à escura cratera do monte Quilimanjaro. Dentro em pouco estávamos avançando com dificuldade entre os cascalhos, num ângulo bastante acentuado. Era um processo torturante: sete ou oito passos resolutos, e então uma pausa convulsiva em busca de mais oxigênio.

Cinco horas mais tarde, logo após o nascer do Sol, demos os vacilantes mas triunfantes passos finais até o cume, até a culminância da África! Admirados com as cintilantes formações de gelo, vislumbramos as glórias das vasta cratera do Quilimanjaro. O sentimento de exultação, como o que Hilário deve ter sentido no pico do monte Evereste, e a rude grandeza de tudo isto, recompensaram abundantemente os rigores da escalada!

Quando os nossos guias africanos, com aclamações apropriadas, ofertaram a cada um de nós uma grinalda de sempre-vivas coloridas — o símbolo que usam para uma conquista bem sucedida — gravou-se para sempre em nosso coração o fato de que *não haverá realmente quaisquer coroas para os que se contentam em permanecer nas planícies da mediocridade. Os laureis são obtidos pelos que continuam ascendendo, que avançam através das emaranhadas florestas da vida, em demanda a excelsas alturas.*

#### Quando Termina a Vida?

O famoso filósofo e educador João Dewey ouviu um dia pacientemente a péssima opinião que um jovem doutor nutria a respeito da filofosofia. "Qual é a utilidade de semelhante parlapatices?" disse êle com insolência.

O Sr. Dewey respondeu calmamente: "A sua utilidade consiste em nos fazer escalar montanhas."

— Escalar montanhas! — disse o jovem de modo de denhoso. — E qual é o objetivo de fazer isso?

O Sr. Dewey fixou o olhar nos olhos do doutor, e replicou:

— Quando se acaba de escalar uma montanha, avistam-se outras montanhas a serem escaladas! E, jovem, quando não se tem mais interesse em escalar montanhas para descobrir outras montanhas a serem escaladas, a vida terminou!

Sem dúvida, os líderes do povo de Deus, cujos ideais são "mais altos do que o mais elevado pensamento humano," deviam ter o máximo interesse em galgar os mais altos cumes de realização e bênção estabelecidos por Deus.

#### "O Milionário do Congo"

O dirigente de publicações, J. T. Knopper, trouxe êste espírito da Holanda, ao aceitar nosso chamado para o Congo. Foi um dos primeiros missionários a ir para lá depois que o tiroteio dos exércitos das Nações Unidas e dos catangueses quase destruíra o escritório da União em Elisabetevilte. Encontrando o escritório em desordem, os registros destruídos, os colportores espalhados e exaurida a reserva de livros, êle poderia haver usado isso tudo como legítimo pretexto para exclamar o mesmo que Amazias. Mas pensou apenas em maiores possibilidades, e dentro em pouco começou a enviar relatórios de vendas no Congo.

Depois de dois anos de miraculoso progresso, quando imaginamos que êle quase atingira o ponto culminante naquelas instáveis circunstâncias, enviou-nos esta breve mensagem: "Há muitas nuvens escuras aqui no Congo, que tornam impossível avistar os cumes mais altos das montanhas, mas sabemos que êles estão ali, e com a ajuda de Deus pretendemos continuar ascendendo através das nuvens em direção a essas consecuições mais elevadas!" Assim, de modo audaz e enfrentando problemas acabrunhantes, êste intrépido dirigente desafiou seus homens a transpor essas alturas invisíveis. No ano seguinte, as vendas elevaram-se a milhões de francos congolezes, e apelidamos o Pastor Knopper de "Milionário do Congo."

O próprio Mestre regulou a marcha durante Seu ministério terrestre. "Longas noites, transcorria-as, prostrado em oração, pedindo graça e paciência para poder fazer *um trabalho mais amplo.*" — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 500. (Grifo nosso.) Êle sugere que a nossa oração diária deveria ser: "Ensina-me a fazer *melhor trabalho.*" — *Idem*, pág. 474. (Grifo nosso.)

Irmãos, sempre haverá nuvens e problemas, e às vêzes, como sucedeu com Amazias, perdas e investimentos insensatos. Queira Deus ajudar-nos, porém, a olhar além e acima, em direção aos picos mais altos que Êle deseja que escalemos. Nunca nos contentemos com o que já realizamos, mas creiamos sempre que onde Êle nos deu centenas no passado, poderá dar-nos milhares e até milhões no futuro. A promessa é segura: "*Muito mais* do que isso pode dar-te o Senhor."



EDITORIAL

# Os Fragmentos do Tempo

ENOCH DE OLIVEIRA

- “Quatro coisas não retornam:  
a seta desfechada,  
a palavra proferida,  
a água que passou pelo moinho  
e a oportunidade perdida.”

— Omar Khayam

HÁ muitos anos passados a via ferroviária que unia as cidade de Nova York e Búfalo, nos EE.UU., contornava um vale extenso e profundo conhecido como o vale de Tuckanmock. Estudando as possibilidades de diminuir a extensão do trecho ferroviário, os dirigentes da empresa, assessorados por uma equipe de engenheiros, decidiram construir sobre o vale um gigantesco viaduto que custou a soma de 12.000.000 de dólares. Esta obra encurtou a viagem de Nova York a Búfalo em 20 minutos. Com efeito, a empresa pagou 12.000.000 de dólares — apreciável soma — para ganhar 20 minutos.

Quão elevado é o valor do tempo! Porém, não devemos encará-lo unicamente pelo prisma utilitário do ouro, enxergando nele, apenas, o fator básico de amealhar riquezas.

Aos 27 anos de idade, William Carey foi convidado para assumir o pastorado de uma pequena igreja batista. A remuneração que recebia era tão módica, que ele se via obrigado a suplementá-la, trabalhando durante a semana como sapateiro. Em seu anseio por um melhor preparo, conservava sempre junto à sua banca de trabalho livros de estudo e investigação. Em sete anos, graças a uma sábia e diligente ocupação do tempo, Carey aprendeu cinco idiomas, inclusive o grego e o hebraico, e este extraordinário conhecimento lingüístico o capacitou para o trabalho de supervisão da tradução da Bíblia em aproximadamente 40 idiomas e dialetos, falados por um terço da população mundial em seus dias.

Livingstone, quando ainda adolescente, manifestava uma evidente preocupação de não perder em trivialidades os minutos que poderiam ser considerados vazios em seu ativo programa de cada dia. Das seis da manhã às oito

da noite trabalhava em uma fábrica de tecidos. Das oito às dez estudava em uma escola noturna, e depois, até às doze preparava as lições para o dia seguinte. Apesar deste intenso e exaustivo programa de trabalhos e estudos, ele aproveitava os intervalos, que deveriam ser dedicados ao descanso, para estudar latim. O conhecimento deste idioma lhe proporcionou a oportunidade áurea de ler os grandes clássicos da literatura, entre outros Virgílio e Horácio. Nêle era evidente a repulsa à inércia estéril e improdutiva.

Há momentos na vida de um ministro, que achamos “perdidos”, os quais, no entanto, poderiam ser de grande utilidade se devidamente aproveitados. São as ocasiões de espera, na estação ferroviária, ou em um aeroporto, enquanto aguardamos a hora do embarque. São os momentos que precedem as refeições do dia, ou mesmo os minutos vividos na sala de espera de um gabinete dentário. Inútil será impacientarmos olhando a todo instante o relógio, inquietos e contrafeitos, pensando nos minutos que passam e não voltam mais. Saibamos aproveitar estes momentos perdidos, tornando-os úteis e valiosos.

É assombroso o que alguns têm realizado nas pausas de um dia atarefado. Strauss escreveu uma de suas imortais composições no verso de um cardápio, enquanto aguardava ser atendido por um garçom em um dos restaurantes de Viena. Willis Carrier, talentoso cientista, enquanto esperava um trem de Pittsburgh, caminhava de um lado para o outro sobre a plataforma úmida, absorto em devaneios e profundas reflexões. De súbito despontou em sua mente a idéia de criar um aparelho de ar condicionado, baseado no princípio natural de condensação aplicado ao

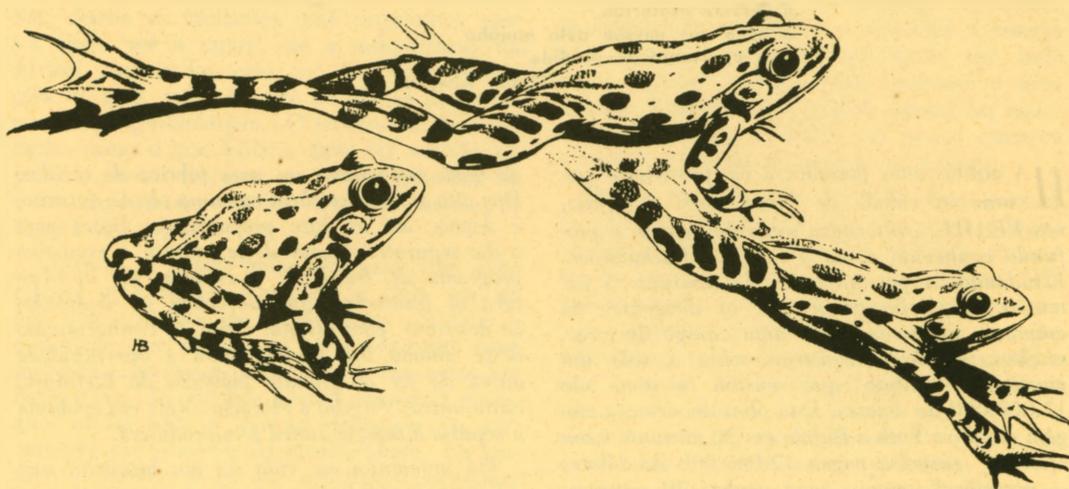
(Continua na pág. 13)

**“ENTÃO** vi sair da bôca do dragão, da bôca da bêsta e da bôca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs.” Apoc. 16:13.

É apresentado aí um tríplice movimento religioso separado de Deus, e que na verdade é dirigido pelo próprio arquenganador. Trata-se de três podêres: o dragão, a bêsta e o falso profeta. De suas bôcas procedem expressões que revelam seus pendores. Suas palavras são um reflexo de suas disposições ou atitudes. A figura consiste num poder que comunica a outros sua própria atitude ou espírito, e que isto será eficaz é indicado claramente pelos resultados, pois o resultado final da apostasia produzida pelas mensagens dos três podêres será ajuntar

# As Saltitantes

## Rãs



as nações para julgamento perante o grande Deus do universo, pois isso é o Armagedom. É o vale da decisão final. Depois falaremos mais a êsse respeito.

### O Dragão

Não é preciso haver confusão quanto à identidade do dragão. “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra e, com êle, os seus anjos.” Apoc. 12:9. Ao estudarmos a Bíblia, descobrimos que da bôca do dragão, ou do diabo, têm surgido muitas doutrinas, mas nenhuma tem corrompido tanto a Terra como a doutrina exposta originalmente no jardim do Éden e relatada no terceiro capítulo do livro de Gênesis: “É certo que não morireis.” Vers. 4. Desta afirmação procedeu a doutrina do espiritismo. Seu desígnio original era dirimir dúvidas no tocante à credibilidade de Deus. Em resumo, os adeptos do espiritismo não podem confiar na Palavra de Deus, pois a Bíblia condena a própria essência de seus ensinoss.

As manifestações de espíritos em sessões espíritas e suas atividades por meio de médiuns, quiromancia e diversos tipos de adivinhação não constituem simples empenho vocacional ou recreativo de demônios insolentes. Há um propósito nessa loucura. De nenhuma outra maneira poderá Satanás labutar mais eficazmente para afastar as pessoas de Deus e implantar seu próprio estandarte no solo da alma, do que através da influência corruptora do ensino espiritista. Dêste modo êle tem atraído a si, no decorrer dos séculos, grande multidão de pessoas e obstado eficazmente a influência do Evangelho, pois o espiritismo proporciona envolvimento emocional e atração intelectual, que o tornam duplamente sedutor. A tentativa de aproximação da serpente foi tanto intelectual como emocional. Implicou também a elevação a uma nova esfera espiritual, acrescentando uma outra dimensão a seu apêlo. Através dos séculos, portanto, o espiritismo tem progredido nestes três setores até impregnar atualmente grande parte do cristianismo. Que outra coisa na Terra poderia irritar mais o Criador do universo, a ponto de congregar sumariamente

E. E. CLEVELAND

Secretário Associado da Associação Ministerial da  
Associação Geral

# do Apocalipse

as nações para o vale da decisão? De acordo com o nosso texto, esta é uma influência que precipitará essa crise.

## A Bêsta

A seguir vem a bêsta e sua influência corruptora. Na mente do apóstolo João não havia dúvida quanto a quem era a bêsta. As descrições que êle faz a respeito dessa bêsta deixam também pouca dúvida em nossa própria mente. Admitindo que todos os leitores são estudantes da profecia bíblica, necessitamos apenas identificar a bêsta como sendo Roma. Em sua forma pagã, os seus excessos foram demasiados para serem mencionados aqui. Desejamos salientar apenas que ela revelou a bestialidade do seu caráter de modo bastante acentuado no trato prestado ao Filho do Deus vivo e na rejeição de Sua divindade. O governo religioso que sucedeu à forma pagã complicou o problema, abraçando a doutrina da imortalidade natural, que foi aventada originalmente pelo dragão, e expondo a doutrina da santidade do domingo, que era uma inovação no ensino cristão. É sob o disfarce da religião que deparamos outra vez com séria rotura no conceito cristão da autoridade e jurisdição da lei divina.

Da bêsta provém a estranha doutrina de que o homem não só possui a autoridade mas também o poder de emendar a lei divina, e que o acervo de tradições da igreja constitui uma autoridade tão forte em questões de fé e prática como as Escrituras Sagradas. Esta subversão da autoridade divina abre as portas para irrestrita iniquidade, com a artimanha adicional de revestir-se de uma capa de religião e santidade. É compreensível que êste insulto ao caráter de Jeová suscite uma resposta apropriada. O Armagedom será essa resposta.

## O Falso Profeta

Em terceiro lugar, o falso profeta acrescenta o peso de sua influência ao do dragão e da bêsta.

ta, e aumenta ainda mais o insulto. Convém lembrar que todos êsses poderes empenham-se em desfigurar a imagem do Criador. Os participantes neste drama são às vêzes pessoas ferrosas e sinceras, mas iludidas. Todavia, é um fato que os efeitos práticos de propagar o êrro desviam o homem para longe de Deus e deturpam o Seu caráter na mente dos ouvintes. Com referência ao falso profeta, saiba-se que êle nem sempre foi um profeta falso. A Reforma surgiu por orientação divina, e os seus heróis foram pessoas tementes a Deus e cheias do Espírito Santo. A essa altura, a Reforma estava sob a direção de um profeta verdadeiro, mas o profeta tornou-se falso quando a Reforma deixou de buscar a vontade de Deus e contentou-se em ecoar a doutrina do dragão, que é a doutrina da imortalidade natural, e a da bêsta, que é a doutrina da santidade do domingo. Cumpre lembrar que a Reforma tencionava restaurar a posição apostólica sôbre êstes pontos e todos os outros.

A recusa do protestantismo de renovar-se continuamente por meio de estudo e investigação da verdade, é que o tornou infiel a seu encargo. Isto é responsável em grande parte pela evidéssima confusão doutrinária que predomina hoje em dia nos círculos religiosos de nosso mundo. Foi esta perda de vitalidade criadora que tornou necessário o adventismo. Se o protestantismo houvesse sido fiel a seu encargo, não haveria necessidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Que o adventismo permaneceu doutrinariamente leal ao espírito da Reforma, patenteia-se pelos seguintes fatos:

## O Adventismo

Em sentido mundial, o adventismo desafia a doutrina do dragão e refuta bíblicamente o ensino da imortalidade natural. Com idêntica veemência o adventismo defende a perpetuidade da lei de Deus e a autoridade dessa lei na vida de cada cristão, inclusive o caráter sagrado do sétimo dia, o sábado. Encontra-se portanto em conflito com a doutrina da bêsta. Além disso, o adventismo apresenta o ministério sacerdotal de nosso Senhor em Seu santuário, e que o pecado está sendo expiado de modo completo e decisivo nas côrtes do Céu. Isto refuta a doutrina da bêsta de que ainda existe um sacerdócio terrestre ao qual o homem pode recorrer em busca de remissão de pecados.

## O Adventismo Leva Avante a Obra de Reforma

O adventismo, portanto, não é apenas outra religião, colocada sôbre uma já adequada estrutura religiosa. Por seu intermédio Deus quer reparar a brecha feita pelo dragão, pela bêsta e pelo falso profeta. Por meio desta igreja e de seus ensinamentos, ministros e membros, o Deus do

Céu deseja continuar a Reforma iniciada por Lutero e outros reformadores. Profunda compreensão dêste significado habilitaria nosso ministério para labutar com mais fervor e eficiência na propagação da fé. Em suma, o que necessitamos com maior urgência é o senso do dever. Não existe nada mais patético do que um homem em pé entre os vivos e os mortos, que não tenha certeza de que a igreja é necessária ou que é significativo o que êle está realizando.

A existência dessa incerteza em muitíssimos púlpitos hoje em dia é um fato doloroso. Cabe-nos a responsabilidade de fazer com que as cruzadas adventistas para Cristo não sejam apenas cruzadas nominais, e pregar com tal paixão e poder que não haja bancos vazios para zombar de nós. O som de trombeta precisa ser eficaz a fim de convocar os homens para a guerra. A mensagem do ministro tem de ser significativa, e deve ser transmitida com tanto fervor que os ouvintes não possam esquivar-se ao fato de que está aí um homem sincero e diligente, e que sua causa é digna de atenção. Isto de alguns homens pregarem e o mundo não lhes dar atenção, pode não ser inteiramente culpa do mundo. Homens repletos do Espírito Santo arrebatarem a atenção em tempos passados. Estão fazendo o mesmo hoje em dia, e há indicações de que o futuro será ainda mais brilhante neste sentido.

### **À Sombra do Armagedom**

Cavaleiros, estamos pregando à sombra do Armagedom, um termo que descreve o confronto do homem com o seu Criador. Ao discorrer sobre a vinda do Senhor e a solução final para o problema do pecado, o profeta, no versículo 16 de Apocalipse 16, emprega um vocábulo familiar aos estudantes de História: "Armagedom." O vale de Megido, associado tradicionalmente com o Armagedom, foi o cenário de muitos conflitos decisivos na História. Aí os exércitos de Faraó Neco derrotaram os exércitos de Josias. Aí os exércitos de Sísera foram postos em debandada pelo anjo do Senhor. Assim, esta região era realmente um lugar de decisão. Os que se encontraram ali nunca foram o mesmo depois disso.

Como poderíamos descrever melhor o fim do mundo e a vinda do Senhor? O mundo nunca será o mesmo outra vez. Tudo o que o homem construiu e planejou ambiciosamente será devorado num mar de chamas, e isto será verdade não só em Megido mas em cada nação sobre a face da Terra. De Moscou a Washington, de Fidji à Finlândia, haverá um confronto universal do homem com Deus, pois Cristo virá, e "todo ôlho O verá." Em sentido

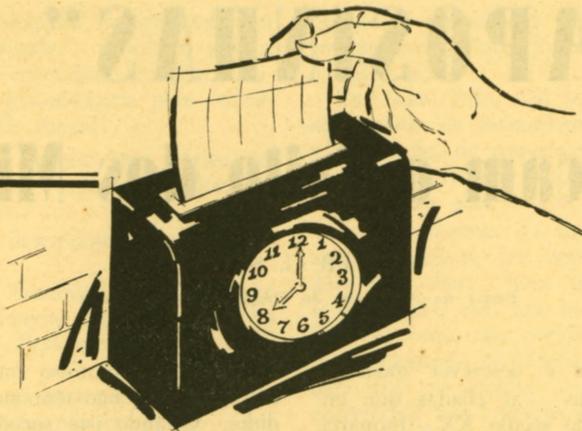
mais amplo, o Armagedom é a vinda do Senhor e o fim da administração humana dos negócios da Terra. Isto será catastrófico para os ímpios, mas para os justos será um dia de jubiloso livramento.

Surge muitas vezes a pergunta: Haverá pelepas entre exércitos por ocasião da vinda do Senhor? Podemos realçar que os exércitos estão lutando agora, com a presença do Espírito Santo ainda na Terra. É razoável supor que quando o Espírito do Senhor Se retirar dentre os homens êles comecem subitamente a viver em paz uns com os outros? Precisamos com toda a honestidade encarar o fato de que os conflitos humanos e o derramamento de sangue estender-se-ão até a vinda do Senhor, mas o Armagedom significa alguma coisa mais do que isto. Significa que Jesus voltará à Terra, e podemos pregar isto com grande certeza e poder.

Pensamos ser também evidente que o Armagedom terminará na destruição dos ímpios nas chamas do lago de fogo, no fim do milênio. Mas em essência, a palavra "Armagedom," da maneira como é usada em Apocalipse 16: 16, não restringe a vinda de Cristo ou seus efeitos a uma estreita planície triangular em determinada região da Terra; será antes uma realidade por ocasião da vinda de Cristo onde quer que os homens andem na Terra. Os negócios serão paralisados. A atenção dos homens será afinal focalizada em seu Criador, e somente Deus será exaltado naquele dia. Cristo tomará o reino pela força, e os homens perversos e os demônios confessarão com os lábios o que souberam no coração mas negaram na vida.

As sombras do Armagedom alastram-se vagarosamente sobre a Terra, trazendo consigo questões de importância eterna. Que privilégio ser ministro cristão num tempo como êste, pois seguramos nas mãos não só a chave para a paz neste mundo, mas o Evangelho que é o passaporte para um mundo melhor! Na verdade, ninguém é idôneo para estas coisas; lembrem-nos, porém, de que um pigmeu não fica intimidado com o tamanho do elefante, mas deruba êste gigantesco animal. Enquanto o elefante está preocupado com outras coisas, êsse homenzinho coloca-se debaixo da barriga do elefante e empurra com força a sua lança em direção ao coração do animal; acompanha-o então até cair morto. Assim o Papai Pigmeu encontra uma fonte de alimento para várias semanas vindouras.

Com a Espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, apontemos para o próprio coração da fortaleza do dragão. Existem almas sinceras ali, esperando ser recolhidas. Que Deus nos torne colhedores fiéis!



# A MORDOMIA DO TEMPO

## Por Parte dos Obreiros

K. F. AMBS

Tesoureiro Assistente da Associação Geral

**T**ALVEZ mais do que qualquer outro grupo de obreiros, os pastores de igreja ou ministros distritais são donos de si mesmos no que diz respeito a administrar os seus dias.

Na verdade, há compromissos regulares no decorrer da semana, que fazem parte de programas periódicos, mas eles absorvem relativamente poucas horas semanais.

Para o ministro que é pastor de uma ou mais igrejas, um programa diário bem definido, planejado na base de hora após hora, é a única defesa contra a frustração e o proceder atabalhoadamente semana após semana.

Naturalmente, o ministro deve estar a postos sempre que se necessitar de seus préstimos, e estes chamados interromperão mas não devem desbaratar completamente o programa diário e semanal.

### É Conveniente Ter Um Gabinete de Estudo

É muitíssimo conveniente que sempre que for possível o pastor tenha um gabinete de estudo — de preferência na igreja — e que estabeleça horas certas de expediente em que possa ser encontrado no escritório. Tal providência tem explícitas vantagens:

1. Os membros da igreja sabem que podem comunicar-se com o pastor nesses períodos de

tempo, sem a impressão de o estarem importunando.

2. Depara-se com a oportunidade de ter entrevistas sem interrupções por parte da família, o que ocorre com facilidade quando o gabinete de estudo está situado na casa do ministro.

3. Quando não é ocupado em entrevistas, o tempo pode ser empregado proveitosamente em estudo ou planejamento.

### Bem Organizado Programa de Visitação

O programa de visitação do pastor deve ser bem organizado. Tem de ser consistente e precisa ser efetuado de maneira sistemática, sem dar a impressão de que é assim. Todo ministro tem mais prazer em visitar certos membros do que outros. Longas visitas pastorais podem consumir muito tempo, e destruir portanto o programa bem elaborado. A menos que os membros da família visitada enfrentem excepcionais problemas críticos, as visitas devem ser breves, amistosas e sem afetação, contribuindo, no entanto, grandemente para a espiritualidade e o bem-estar dos membros.

Não importa quão curta seja a visita, ela sempre deve ser concluída com uma breve e fer-

(Continua na pág. 16)

# “RAPOSINHAS” que Prejudicam o Êxito dos Ministros

LESTER G. STORZ

Pastor na Associação do Oregão, Estados Unidos

SE tentássemos citar e descrever tôdas as possíveis “raposinhas” — as ciladas que enfrentam os ministros do século XX — formaríamos sem dúvida um ou mais volumes de dimensões consideráveis. Limitarei portanto minhas observações a alguns aspectos da vida do ministro, que podem embargar-lhe o passo e muitas vêzes conseguem fazê-lo tropeçar.

1. *Desejo de Exaltação.* Não gostamos de admitir a presença desta “raposinha” em nossa vida. Para verificá-lo, perguntei a mim mesmo: “Sinto-me desanimado quando cumprimento as pessoas depois do culto, e apenas bem poucos indivíduos me elogiam pelo ‘excelente’ sermão?” Mesmo depois de muitos anos de pregação, pode-se incorrer na tentação de avaliar o êxito de cada sermão pela reação e sinceridade dos comentários favoráveis junto à porta. Visto que Ellen G. White condena este costume, alguns de nossos membros evitam semelhante louvor — mas muitos oferecem-no livremente. É este o vosso critério para avaliar uma mensagem bem sucedida?

O ministro não deve esperar louvor nem deixar-se enlevar por seu poder fascinante. A exaltação faz com que êle se considere bom, importante e talentoso, e o influencia a confiar mais no louvor e na reputação, do que no Espírito Santo. O mal da maioria dos pastores é preferirem ser arruinados pelo louvor a serem salvos pela crítica. O ministro deve viver cada dia bem perto de Deus, para não se tornar envaidecido nem desalentado.

2. *Hipersensibilidade* (maneira delicada de dizer “orgulhoso”). Quão fácil é preocupar-se com observações desfavoráveis — especialmente quando a crítica envolve a nós mesmos! Fico perturbado de igual modo com as críticas desfavoráveis a algum colega no ministério? Se não, sôu deveras egoísta. Nunca nos regozijemos em ouvir falar dos defeitos de outros obreiros. O orgulho e o egoísmo andam de mãos dadas e batem constantemente à porta do coração, solicitando entrada — a menos que já estejam habitando ali!

Ficamos ofendidos ao ser criticados? Lembremo-nos de que é o orgulho que produz a

ofensa — não o nosso companheiro! Os verdadeiros cristãos não têm motivo para ficar ofendidos. Quando isto sucede, o velho *eu* ainda não foi crucificado. Ao ser criticados, devemos ser suficientemente fortes para suportá-lo! Se a crítica fôr correta, aceitemo-la e deixemos que nos sirva de proveito; se fôr falsa, procuremos olvidá-la. Demonstramos a grandeza de nossa alma pela maneira em que aceitamos ou combatemos as críticas. Se ninguém nos critica, temos um indício seguro de que não estamos cumprindo o nosso dever. Escrevi as seguintes palavras numa fôlha em branco de minha Bíblia:

“Se o semblante do ministro não denota firmeza, se êle não possui inabalável fé e coragem, se o seu coração não é fortalecido por meio de constante comunhão com Deus, êle começará a moldar o seu testemunho de forma a agradar os ouvidos e os corações não santificados daqueles aos quais dirige a palavra. Ao procurar evitar a crítica a que está exposto, êle separa-se de Deus.” — Ellen G. White, *Review and Herald*, 7 de abril de 1885.

Digo com freqüência para mim mesmo: “Ladram os cães, mas a caravana avança!” Não nos detenhamos para jogar pedras nos cães do diabo — êle tem muitos outros, e isso não faz parte da grande comissão.

3. *Inveja.* “Nos ministros?” perguntais. Sim, infelizmente pode ser verdade, em especial quando um colega (que sempre sejamos tentados a considerar igual ou inferior a nós



mesmos) é bastante elogiado ou promovido a uma posição "mais elevada." Conheço alguns que em tais ocasiões encetariam imediatamente uma campanha de maledicência para "trazê-lo de volta a seu devido lugar!"

4. *Indolência.* Este hábito, em vários aspectos e formas, é outra "raposinha." Com facilidade nos tornamos:

a. Indolentes ou descuidosos em manter uma vida de oração.

"Satanás assume o domínio de tôda mente que não está decididamente sob o domínio do Espírito de Deus." — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 79.

"Logo que um homem se separa de Deus de tal modo que seu coração não esteja sob o poder do Espírito Santo, revelar-se-ão os atributos de Satanás, e êle começará a oprimir os seus semelhantes. . . . Tal disposição se manifesta em nossas instituições, . . . na relação dos obreiros uns para com os outros." — *Idem*, pág. 78.

b. Indolentes na leitura e no estudo da Bíblia. Isto conduz à fossilização no ministério. Os pregadores sempre precisam continuar aprendendo.

c. Indolentes no trabalho. Na Recolta, no evangelismo, na visitação e em todos os setores da obra do Senhor. É preciso manter o devido equilíbrio, e às vêzes seremos criticados por não fazer o suficiente!

d. Ser indolentes na recreação é um defeito que se manifesta em alguns de nós. Os chineses colocaram certa vez o epitáfio "Consumiu-se para Deus" no túmulo de um missionário. Êle fôra um obreiro incansável. Alguns podem sentir-se honrados com isso, e na verdade é melhor do que eximir-se de responsabilidades, mas a intemperança é pecado. Importa conservar o equilíbrio. Omitir as férias anuais devido a estar "muito ocupado," não traz benefício a quem quer que seja, nem mesmo Àquêle que disse: "Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto."

5. *Seriedade Exagerada.* Todos precisam de bom humor. Quem nunca pode sorrir avança em direção a úlceras e à sepultura. Não pertence a esta época e não existe lugar para êle! A atitude de que as pessoas de "cara comprida" devem ser bons cristãos é contrária às Escrituras. A vida é um privilégio, não um fardo. O cristianismo, a obediência, o dízimo, a observância do sábadô, a reforma pró-saúde, o trabalho etc. — são privilégios, e não fardos pesados. Os pastôres já têm suficientes tensões e responsabilidades sem o acréscimo desnecessário de atitudes errôneas para com a vida. É provável que haja poucas profissões que requeiram maior esforço extenuante do que o ministério — embora às vêzes poucos leigos pareçam compreender isto! Essas pressões, sem

grande fé e confiança em Deus, e sem disposição animosa e bom humor, logo acabarão com o indivíduo.

Por outro lado, não se deve tolerar o extremo oposto de leviandade, frivolidade, gracejo e hilaridade, de conversas banais e conduta leviana e irrefletida. Isto diminui e enfraquece a influência para o bem.

6. *Bisbilhotece.* O ministro bem como sua esposa precisam ser bons conversadores. Isto não quer dizer "bons bisbilhoteiros"! Nunca se deve falar mal dos outros. As pessoas confiam em nós; não invalidemos essa confiança. A admoestação de Tiago: "Irmãos, não faleis mal uns dos outros" (cap. 4:11), deve ser entretida nos menores aspectos de nossa conversação. Transmitir informações aparentemente inofensivas a respeito de outrem pode ser perigoso. Convém lembrar que:

Grandes mentalidades falam sôbre princípios,  
Mentalidades medianas falam sôbre acontecimentos,

Mentalidades pouco desenvolvidas falam sôbre pessoas.

A igreja sofre mais por causa das indiscrições das ovelhas do que por causa da ferocidade dos lobos. Amesquinhar é ser mesquinho. Denegrir o caráter dos outros não torna mais alvo o nosso caráter. A maioria dos mexeriqueiros são apanhados nas armadilhas de sua própria bôca. "Devemos falar das virtudes dos homens como se fôssem nossas, e de seus defeitos como se devêssemos incorrer em seu castigo," declara um provérbio chinês. Mais pessoas são esmagadas pela maledicência do que por automóveis. Para transformar-se em ficção, a verdade precisa apenas passar algumas vêzes duma mão para outra. Alguns quase recorrem ao canibalismo para prosperar na vida! Ninguém está em mais completa decadência do que ao começar a culpar seu predecessor.

7. *Conduta Social.* Esta parte da vida do ministro pode tornar-se uma armadilha para alguns. Refiro-me aos "insignificantes" aspectos de relações interpessoais entre ministros e o sexo oposto. Fatores de familiaridade, que em si muitas vêzes parecem ser inocentes e inofensivos, não só podem enfraquecer consideravelmente a confiança das pessoas no ministro, mas constituir também as "raposinhas" que conduzam o próprio ministro "inocentemente" a um pecado maior. Há milhares que nos conhecem como ministros. Quão cuidadosos devemos ser a fim de evitar tôda aparência do mal em palavras e atos, "para que o ministério não seja censurado"!

Faremos bem em considerar sèriamente as palavras do apóstolo Paulo: "Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza." I Tim. 4:12.



J BYRON LOGAN

**N**OSSO povo precisa ser visitado, mas cada visita deve ter um objetivo em vista. Duas coisas dão a impressão de que o ministro não tem muito que fazer: (1) Ausência de visitação pastoral, e (2) visitação pastoral destituída de significado. Se nossas visitas forem metódicas, breves e cordiais, as pessoas apreciarão a visitação de verdade. E essa espécie de visitação pode realizar muito em favor dos membros e de nós mesmos. Visitas breves possibilitarão visitar-mos com maior frequência todos os nossos parquianos.

O conceito que se tem do pastor é importante. Um membro de certa igreja adventista do sétimo dia disse ao pastor perante toda a comissão da igreja: "Eu tenho de trabalhar!" Têm os pastores de "trabalhar"? Nossas visitas determinarão em grande parte o conceito

que criamos a nosso respeito. Visitas pastorais sem um objetivo em vista, demasiadamente longas e sossegadas, não causam a impressão de que o pastor tem muito que fazer. Não dêmos descanso aos nossos pés e não façamos visitas sem qualquer finalidade.

#### Fazer Perguntas

Fazendo perguntas podemos tornar mais significativa a nossa visitação pastoral. Isto nos proporcionará informações que serão de utilidade em todos os demais aspectos de nosso trabalho: na pregação, nos programas missionários, nas reuniões de oração etc. Podemos descobrir muita coisa a respeito dos membros por meio de perguntas.

Algumas perguntas que o pastor pode fazer na primeira visita pastoral são as seguintes: 1.

# Visitar com Objetivo

RÚBEN

Pastor-Evangelista na As

Quantas crianças há nesta casa? 2. Estão matriculadas na escola adventista? 3. Assistem regularmente ao culto de oração? 4. Sobre que assuntos gostaríeis de ter alguma explicação? 5. Quem são os vossos vizinhos (em todas as direções)? 6. Já falastes com eles a respeito de vossa fé? 7. Há quanto tempo sois adventistas do sétimo dia? 8. Como aceitastes a verdade? 9. Que cargos desempenhastes na igreja?

Podem ser acrescentadas outras perguntas mais, porém o importante é fazer perguntas! Se houver planos para realizar conferências públicas, o pastor pode perguntar: "Convidareis os vossos amigos e vizinhos para as reuniões?" "Pretendeis estar presentes todas as noites?"

A visitação pastoral bem organizada pode contribuir mais para o progresso espiritual da igreja do que a pregação poderosa.

"Havendo o ministro apresentado a mensagem evangélica do púlpito, sua obra está apenas iniciada. Resta-lhe o fazer trabalho pes-

## Os Fragmentos do Tempo

(Continuação da pág. 5)

soal. Cumpre-lhe visitar o povo em casa, conversando e orando com eles em fervor e humildade. Há famílias que nunca serão postas em contato com as verdades da Palavra de Deus, a menos que os mordomos de Sua graça lhes penetrem no lar, e lhes indiquem o caminho mais elevado." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 187.

"Desejo dizer a meus irmãos do ministério: Aproximai-vos do povo onde ele se acha, mediante o trabalho pessoal. Relacionai-vos com ele. Esta é uma obra que se não pode fazer por procuração. Dinheiro emprestado ou dado, não a pode realizar. Sermões, do púlpito, não a podem efetuar. . . . Sendo omitida, a pregação será, em grande parte, um fracasso." — *Idem*, pág. 188.

As perguntas feitas de maneira afável conquirão o seguinte:

# um vo em Vista

HUBBARD

ão Idaho, Estados Unidos

1. Proporcionar informações vitais no tocante à condição espiritual dos membros da igreja.
2. Fazer com que os membros falem a respeito de si mesmos. Sentem-se assim mais à vontade.
3. Abreviar o tempo necessário para a visitação.
4. Orientar nossas pregações.
5. Prover informações que ajudarão a organizar a igreja para as atividades missionárias.
6. Ajudar a planejar os cultos de oração.

Nunca as pessoas deveriam ter motivo para dizer: "Jamais um pastor esteve em meu lar." Por meio de esmerado planejamento, cuidadoso emprêgo de nosso tempo e prudente visitação, cada membro pode desfrutar os benefícios duma visita pastoral. E a espiritualidade de toda a igreja melhorará através de um bem organizado programa de visitação por parte do pastor.

*problema humano de controle da umidade e da temperatura. Foi assim que surgiu a próspera indústria do ar condicionado. Wesley redimia os fragmentos de seus dias. Se as condições atmosféricas determinavam um atraso em seu embarque, reunia uma congregação e pregava-lhes o evangelho. Quando em viagem, sempre levava livros, e seu diário, com numerosas informações sobre diferentes livros, fala eloqüentemente de seus hábitos de leitura. Quando enfermo, sem poder viajar e pregar, manifestava admirável disposição para ler e escrever, e ampliava as suas "Notas Sobre o Nôvo Testamento."*

*Sim, enquanto aguardavam a refeição, esperavam o trem ou viajavam, homens diligentes no uso do tempo, ampliaram sua cultura lendo bons livros, escreveram obras de arte e conceberam idéias.*

*"Do justo emprêgo do tempo depende nosso êxito no conhecimento e cultura mental" — escreveu a Sr.<sup>a</sup> White. "A cultura do intelecto não precisa ser tolhida por pobreza, origem humilde ou circunstâncias desfavoráveis, contanto que se aproveitem os momentos. Alguns momentos aqui e outros ali, que poderiam ser dissipados em conversas inúteis; as horas matutinas tantas vezes desperdiçadas no leito; o tempo gasto em viagens de bonde ou trem, ou em espera na estação; os minutos de espera pelas refeições, de espera pelos que são imptuiais — se se tivesse um livro à mão, e estes retalhos de tempo fôssem empregados estudando, lendo ou meditando, que não poderia ser conseguido!" — Parábolas de Jesus, págs. 343 e 344.*

*Quando um famoso arquiteto de uma das catedrais da Europa supervisionava os trabalhos dos operários que colocavam e ajustavam os vitrais nas janelas do grande santuário, verificou preocupado que um dos vidros era menor que as medidas enviadas ao artista. A solução para o problema encontrou-a um humilde artesão. Reunindo os fragmentos de vidro que haviam sido lançados fora, sobras consideradas inúteis, com engenho e arte ele produziu um vitral que se harmonizava em forma admirável com os demais.*

*Os ministros que não sabem aproveitar os fragmentos do tempo, em forma sábia e diligente, lendo, estudando e investigando, sofrerão um irreversível processo de atrofia mental. E uma inteligência atrofiada se assemelha a uma máquina negligenciada, arruinada e corroída pela ferrugem.*

# A América do Sul, a Mensagem Adventista e o Método — 1.ª Parte



## Três Séculos de Domínio Ibérico

**A**TRAVÉS da ampla superfície do Atlântico singraram os navegantes espanhóis e portugueses, em direção às praias da América. Animados por uma conjectura extravagante — a lenda do ouro — e compelidos pelo anelo de desvendar os maravilhosos segredos do Nôvo Hemisfério, eles descobriram e conquistaram o Nôvo Mundo.

Em 1492 Cristóvão Colombo implantou a cruz e o estandarte da Espanha numa pequena ilha das Índias Ocidentais. Em 1500 foi descoberto o Brasil por Pedro Álvares Cabral, navegante português. O Rio da Prata foi penetrado em 1508; Cuba foi subjugada em 1511. Dois anos mais tarde Balboa abriu caminho através da floresta quase impenetrável que cobria o istmo do Panamá e tomou dramática posse do Pacífico, em nome da coroa espanhola. Por volta de 1521 Cortez havia conquistado o México. Dez anos mais tarde, Francisco Pizarro, após o assassinio de Atahualpa, derubou o império peruano e despojou os Incas de sua fabulosa riqueza. Passaram-se mais vinte e seis anos, e foi efetuada a conquista do Chile, após cinco anos de obstinada resistência dos índios da parte central desse país.

A rapidez com que uma data segue a outra nesta seqüência cronológica de descobertas evidencia a febricitante precipitação com que foi realizada a obra de conquista e colonização.

Com efeito, o século XVI foi uma época gloriosa para as nações da península ibérica. É verdade que os gregos e fenícios tinham sido outrora os pioneiros e descobridores marítimos, mas agora o manto de empreendimento e descoberta caiu sobre os homens de origem ibérica, e foram prendados com uma porção dobrada de indomável espírito de aventura e conquista.

A Espanha e Portugal atingiram o auge de seu esplendor.

ENOCH DE OLIVEIRA

As palavras “ouro e evangelho” sintetizam os intuítos dos homens que conquistaram o Nôvo Mundo.

Após uma luta de vários séculos contra os mouros, a Espanha emergiu no fim do décimo quinto século completamente empobrecida. A necessidade obrigou-os a acompanhar o séquito de qualquer dirigente que pudesse inspirá-los com melhores possibilidades do que o acanhado destino que divisavam em sua terra natal. Grande número de aventureiros, nobres e soldados, tendo ficado sem emprêgo como resultado do término das guerras com os mouros, partiram ansiosamente em busca de fama e riqueza.

Podemos compreender assim por que êstes conquistadores estavam tão ansiosos para descobrir ouro, e como o ouro iria seduzi-los, incentivando-os a ir cada vez mais longe através de vales, florestas e montanhas da terra recém-descoberta.

Além dessa insaciável avidez pelo ouro, foram inspirados pela firme convicção de que seus triunfos se tornariam ainda mais gloriosos com a conversão de índios pagãos à santíssima fé apostólica.

As caravelas que levaram Colombo e sua pequena comitiva em direção ao mundo ocidental, ostentavam em suas velas a cruz cristã, e êsse exemplo foi imitado pelos que vieram depois dêle. O principal estandarte de Cortez era de veludo escuro, adornado com uma cruz vermelha entre chamas, contendo esta divisa em latim: “Amigos, sigamos a cruz, e sob êste emblema, se tivermos fé, haveremos de vencer.”

O sagrado emblema da cruz era usado até no braço dos que tinham no coração bem pouca piedade dos índios colocados em sujeição. Assim, a espada e o crucifixo tornaram-se emblemas de um nôvo e terrível poder que os índios não podiam compreender ou enfrentar com êxito.

## **Destruição e Construção**

"Sua Majestade Católica," Filipe da Espanha, adotou medidas que estenderiam a fé católica até os mais remotos confins de seu território ultramarino.

Em sua viagem para o Peru, exigiu-se que Pizarro levasse sacerdotes ou monges em cada embarcação. Isto tornou-se a regra fixa para todas as expedições ao Nôvo Continente.

O domínio espanhol e a Igreja Católica Romana chegaram juntos ao Nôvo Mundo. Os conquistadores eram acompanhados por sacerdotes da igreja. Os motivos da conquista eram complexos. Os historiadores não estão concordes no tocante ao objetivo predominante. É certo, entretanto, que um dos principais motivos era converter os índios à fé católica.<sup>1</sup>

Da mesma maneira que os conquistadores, o clero espanhol tinha dois desígnios no trato com os nativos. Resumem-se em duas palavras: *destruição e construção*.

Destruição, ou o uso da força para eliminar todos os vestígios do antigo paganismo, é o primeiro característico que atrai a atenção de todos os que estudam o método dos missionários católicos romanos durante e imediatamente após a conquista. Medidas violentas eram empregadas para apagar e destruir todo indício de antigos costumes idolátricos.

Esta obra de destruição foi seguida por outra de construção. Logo que eram demolidos os antigos templos pagãos, erigiam-se em seu lugar novas e grandes catedrais, igrejas, capelas, mosteiros e asilos. É surpreendente notar quanto dinheiro os monges e sacerdotes tinham dentro em pouco à sua disposição, para a construção de novos edifícios.

### **"Conversão" dos Índios**

Indubitavelmente, muitos dos espanhóis que se criaram durante o século de acérrimo conflito com os infieis, chegaram ao Nôvo Mundo com o sincero e fanático desejo de matar in-crêus ou convertê-los ao serviço de Deus.

Os nativos logo perceberam a natureza dos dois motivos que incentivavam seus conquistadores: avareza e zelo religioso. Compreenderam que a sua derrota era também a derrota de seus deuses. Descobriram igualmente que a aceitação do Deus e dos santos dos conquistadores católicos seria uma proteção parcial contra a opressão. Esta descoberta levou tribos inteiras à fé.

Numa de suas preleções, o Dr. Alberto Reville sintetiza a natureza da conversão dos nativos:

"Não nos cabe a tarefa de contar a história da conversão dos nativos ao cristianismo católico romano. Isto foi efetuado de maneira relativamente fácil. A queda dos incas consti-

tuiu um golpe mortal para a estrutura religiosa e política de que eles eram a chave de abóbada. Era evidente que o Sol não pudera ou não quisera proteger os seus filhos. O conquistador impôs sua religião pela força. . . . O resultado foi o caráter peculiar do catolicismo dos nativos do Peru, que impressiona todos os viajantes e consiste numa espécie de submissão tímida e supersticiosa, sem confiança e sem fervor, associada à obstinada preservação de costumes que remontam ao sistema religioso anterior, e com reminiscências da idade áurea do domínio inca, sob o qual seus antepassados foram obrigados a viver, mas que chegara ao fim e não voltara mais."<sup>2</sup>

Tomás C. Dawson, que por muitos anos esteve ligado ao serviço diplomático na América do Sul, declara o seguinte no livro *The South American Republics*: "Afluíram sacerdotes e monges para tomar parte na evangelização em larga escala dos nativos pagãos. O evangelho era pregado em todos os lugares, construíam-se igrejas e capelas mesmo nas menores povoações, os índios empedernidos eram tratados com pouca cerimônia, e logo se tornou bem claro entre os nativos que a cordial aceitação do culto cristão contribuía para livrá-los de dificuldades."<sup>3</sup>

Testemunhando a violência da igreja em seu trato com os nativos, Bartolomeu Las Casas enviou um vigoroso protesto para a côrte: "Os meios para o estabelecimento da Fé na Índias deveriam ser os mesmos que aquêles pelos quais Cristo introduziu Sua religião no mundo: brandos, pacíficos e caridosos. . . . As tentativas pela força das armas são perversas, como as dos maometanos, dos católicos romanos, dos turcos e dos mouros; são tirânicas e indignas dos cristãos, suscitam blasfêmias e já fizeram os índios crer que o nosso Deus é o mais implacável e cruel de todos os deuses."<sup>4</sup>

Sim, em muitas ocasiões o espírito da espada era mais forte e mais constrangedor do que o espírito da cruz, na "cristianização" dos índios.

### **O Absolutismo Nunca Foi Aceito**

O imperialismo religioso de Carlos V e Filipe II, nas novas colônias, foi preservado fechando-se os portos aos estrangeiros e seus livros, e instituindo-se a inquisição para extirpar a heresia.<sup>5</sup>

A Igreja era o verdadeiro governador das colônias. Estabelecia normas morais e sociais, e era o guardião da arte e da cultura, a fonte de festas, feiras e procissões que proporcionavam diversão para o povo.

Não somente era proibida a heresia religiosa, mas a heresia política também era rigorosamente excluída. As universidades da América Latina limitavam seu ensino a assuntos que

estivessem inteiramente de acordo com os ensinamentos da igreja oficial.

W. L. Scruggs, ex-embaixador americano na Colômbia, comentando a atitude da Igreja, disse:

“Ela tem proibido o ensino das artes e ciências, restringido a educação à gramática latina e ao catecismo, e limitado as bibliotecas públicas aos escritos dos Padres e às obras sobre jurisprudência civil e eclesiástica. Tem até proibido o estudo da geografia e astronomia modernas, e interdito a leitura de livros de viagens. Ela desaconselhou o estudo da matemática mais adiantada, e condenou como heresia toda pesquisa e especulação filosófica. Chegou mesmo a interditar inocentes obras de ficção, como ‘Gil Blas’ e ‘Robinson Crusoe,’ e nunca houve um livro, revista ou jornal em todo o país que não se adaptasse à mais severa regra do Index católico romano.”<sup>6</sup>

Este absolutismo nunca foi aceito voluntariamente, quer pelos índios quer pela plebe procedente de regiões européias. Já no século XVII houve revoltas motivadas pela falta de liberdade de expressão, pelos constantes abusos das autoridades e pela presença de pesados impostos. Essas revoltas, no entanto, eram apenas o prelúdio do tempo não muito distante em que ocorreriam os movimentos de independência.

#### Referências

- 1) Wade C. Barclay, *Greater Good Neighbor Policy* (Chicago: Willet, Clark and Company, 1945), pág. 57.
- 2) Alberto Reville, *The Native Religions of Mexico and Peru*, citado por R. E. Speer, *South American Problems* (Nova York: Student Volunteer Movement for Foreign Missions, 1917), pag. 117.
- 3) Tomás C. Dawson, *The South American Republics* (Nova York: The Knickerbocker Press, 1909), Vol. II, pág. 306.
- 4) Citado por Justino Winsor, *Narrative and Critical History of America*, II (Bóston: Houghton Mifflin Co., 1886), págs. 322 e 323.
- 5) Guilherme Lytle Schurz, *This New World* (Nova York: E. P. Dutton and Co., Incl., 1954), pág. 248.
- 6) Citado por Roberto E. Speer, *op. cit.*, pág. 147.

## A Mordomia do Tempo

(Continuação da pág. 9)

vorosa oração em favor do membro, da família e de quaisquer necessidades especiais. Tais visitas concorrerão muitíssimo para manter e elevar a espiritualidade da igreja.

### Tempo Para Repouso

O repouso é essencial num programa tão amplo e extenuante como o do ministro. Se vosso programa for bem organizado, reservará algum tempo para recreação e descanso pessoal e com a família. O programa semanal de trabalho que não reserva tempo para recreação e lazer, é incompleto.

Anos de experiência pessoal como obreiro e administrador convenceram-me de que um dos mais intrincados problemas com que deparam os ministros jovens recém-saídos da vida metódica do colégio e seminário, é a sábia distribuição das horas e dos dias.

Para a maioria de nós, a única contribuição genuína que podemos prestar à causa de Deus é empregar nosso tempo do modo mais eficiente possível em nossos esforços para levar o Evangelho a homens e mulheres por cuja salvação somos responsáveis.

Ao invés de produzir sentimentos de arremetimento e restrição, o bem organizado programa das horas do dia concederá tempo ao obreiro para pensamentos construtivos e planos de avanço em sua obra. Permitirá dedicar mais tempo à devoção e ao estudo das Escrituras, e assegurará aos membros que seu pastor está alerta, interessa-se pessoalmente nêles e realiza grandes coisas para o bem da igreja.

## REMUNERAÇÃO JUSTA

Certo pedreiro durante muitos anos havia trabalhado fielmente para seu patrão. Aconteceu que este resolveu ausentar-se para uma longa viagem, e mandou chamar o empregado para entregar-lhe a planta de uma linda vivenda.

— Construa a casa segundo as indicações, e não é preciso limitar as despesas necessárias. Quero que seja uma boa casa, para um propósito especial.

Pensando em seus longos anos de fiel serviço sem muita remuneração, o pedreiro resolveu tirar nessa construção algum proveito para si. Empregou material inferior, e somente seguiu as indicações da planta onde isto podia ser visto.

Ao regressar de sua viagem, o patrão revisou a casa e disse para o empregado: “Durante longos anos você trabalhou com muita fidelidade para mim, e como remuneração por fiel serviço, mandei construir esta vivenda. É propriedade sua e pode morar nela.” — *The Lutheran*.

# MINISTÉRIO PESSOAL

## NO SERMÃO E NO CULTO DIVINO

KARL F. NOLTZE

Presidente da União Sul-Alemã



COPYRIGHT © 1957 REVIEW & HERALD RUSSELL HARLAN, ARTIST

**C**ONSIDEREMOS a hora de culto e seu programa aos sábados de manhã.

Sempre que o ministro pregue noutra ocasião fora da costumeira hora de culto, não chamamos isto de pregação, mas sim de discurso, palestra, conferência, preleção ou alocução. Os que pregam nas classes da Escola Sabatina cometem um êrro; êsse tempo destina-se a fazer perguntas e obter respostas. Quem faz preleções na hora do sermão, em geral não é considerado como pregador, e, sim, como prelecionador. De igual modo, se êle proferir um sermão na reunião dos jovens, a reação talvez não seja favorável, pois ali se esperam dissertações e participação ativa. O que denominamos de hora do sermão, no culto da manhã, assinalado por canto e adoração, por culto e liturgia, tem um caráter singular. Declara F. Melzer: "O sermão da igreja cristã é o fato mais peculiar

que ocorre em nosso mundo." — *Die Sprache vor Gott*, pág. 124. Quem ocupa essa hora chama-se ministro ou pastor.

"Prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com tôda a longanimidade e doutrina." II Tim. 4:2.

"E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo." Rom. 10:17.

"O ministro ocupa em face do povo, o lugar de porta-voz de Deus, e tem de representar o Senhor em pensamento, palavra e ação." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 20. "Um obreiro devoto, espiritual, evitará suscitar pequenas diferenças de teorias, e devotará suas energias à proclamação das grandes verdades probantes a serem dadas ao mundo. Êle indicará ao povo a obra da redenção, os mandamentos de Deus, a próxima vinda de Cristo." — *Idem*, págs. 312 e 313.

### O Sermão Divino

Convém que o ministro leia freqüentemente o capítulo 40 de Isaías. Pergunta o profeta: "Que hei de clamar?" A resposta divina conduz então ao sermão divino. Os quatro pontos mencionados ali devem encontrar-se em cada sermão:

1. Pregai sôbre transitoriedade e eternidade (versos 6-8).

2. Pregai sôbre o primeiro advento de Cristo para tirar o pecado e produzir reconciliação (verso 9).

3. Pregai sôbre a segunda vinda de Cristo, o reino de Deus e o juízo final (verso 10).

4. Pregai consolação. "Consolai, consolai o Meu povo." Verso 1. Esperança, certeza e segurança em Deus (verso 11).

Não devemos preocupar-nos demasiado com o resultado final de nosso sermão — se nossa pregação produziu ou não fruto para a eternidade. Deus Se encarregará disso.

"Obreiros de Cristo nunca devem pensar, muito menos falar em fracasso em sua obra. O Senhor Jesus é nossa eficiência em tôdas as coisas." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 19.

"Não olheis aos assentos vazios, deixando vossa fé e coragem desfalecerem. Pensai, porém, no que Deus está fazendo para levar Sua verdade ao mundo. Lembrai-vos de que estais cooperando com agentes divinos — agentes que não falham nunca. Falai com tanto fervor, com tanta fé e interêsse, como se houvesse milhares presentes para escutar vossa voz." — *Idem*, pág. 167.

Por outro lado, a experiência de Jeremias na pregação, da maneira como é relatada no capítulo vinte e cinco, pode servir de estímulo para alguns: "Durante vinte e três anos, . . . tem vindo a mim a palavra do Senhor, e, começando de madrugada, eu vo-la tenho anunciado; mas vós não escutastes." Verso 3. O seu problema deveria incentivar-nos a perseverar sob tôdas as circunstâncias. Jeremias menciona os pormenores do conteúdo de seu sermão, para que ninguém fique desorientado. Que aventura não teria sido ouvir o seu sermão sôbre os setenta anos de exílio que se aproximavam!

A Jonas foi dada a ordem: "Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e proclama contra ela a mensagem que Eu te digo." Jonas 3:2. Quem não está familiarizado com as alarmantes ocorrências antes de Jonas iniciar sua pregação naquela grande cidade? "Proclama contra ela a mensagem que Eu te digo." Talvez sejam induzidos a pôr de lado o esdôço, e, movidos pelo Espírito, pregar uma mensagem completamente diferente daquela que preparamos com esmêro, transmitindo assim uma mensagem apropriada para o momento. Sempre devemos estar preparados para essas intuições divinas.

### Tornar Oportuno o Sermão

Da plataforma podemos olhar para o auditório e ver como Deus está dirigindo nossos pensamentos. Há algumas visitas; que esperam elas de nós? Talvez esteja presente uma senhora vestida de luto, com o semblante pálido e abatido; qual é o anelo de seu coração? Quem sabe notemos também a presença de um jovem casal cheio de esperança e felicidade; contém

o nosso sermão algumas idéias orientadoras para êles? Talvez vejamos nos fundos do salão uma mãe rodeada por seus filhinhos; temos uma palavra para ela e seus queridos? Ali naquele canto há um negociante de aspecto severo e retraído; está à espera de uma mensagem de conforto; temos algum alimento espiritual para êle?

Entre nós há muitos adventistas do sétimo dia que reconhecem prontamente o milagre de um sermão divino, e que apreciam de bom grado a posição do ministro como porta-voz de Deus. Há os que auxiliam fielmente a obra da igreja e cooperam generosamente na realização da árdua tarefa de cuidar espiritualmente de seus semelhantes. Por intermédio do ministro e de sua pregação a igreja aprenderá a crer e a ministrar, e a confiar na intervenção orientadora do Céu na vida de cada membro da igreja bem como na obra mundial do Movimento Adventista.

"Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação." I Cor. 1:21.

Se às vêzes achamos que labutamos em vão, a experiência de Elias poderá encorajar-nos:

"Êle respondeu: Tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a Tua aliança, derribaram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procurem tirar-me a vida." I Reis 19:14. Poderia suceder alguma coisa mais terrível? Elias teve de suportar a mais aflitiva e desalentadora situação que poderia haver, e êle contemplou-a através das lentes de sua própria confecção. Mas a resposta divina não se fez esperar!

"Vai, volta ao teu caminho para o deserto. . . Conservei em Israel sete mil: todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e tôda bôca que o não beijou." Versos 15-18.

"Êle [o ministro] tem de pregar a 'Palavra,' não as opiniões e tradições dos homens, não fábulas apazíveis ou histórias sensacionais, para mover a imaginação e excitar as emoções. Não deve exaltar-se, mas, como na presença de Deus, colocar-se perante o mundo a perecer, e pregar a Palavra. Não deve haver nenhuma leveza, nenhuma frivolidade, nenhuma interpretação fantasiosa; o ministro deve falar com sinceridade e profunda seriedade, como uma voz vinda de Deus a expor as Sagradas Escrituras. Cumpre-lhe oferecer aos ouvintes aquilo que é de maior interêsse para seu bem presente e eterno.

"Irmãos meus que ministráis, ao vos achardes perante o povo, falai do que é essencial, o que instrui. Ensinai as grandes verdades práticas que devem ser introduzidas na vida.

Ensinai o poder salvador de Jesus. . . Esforçai-vos por fazer com que vossos ouvintes compreendam o poder da verdade.

“Os ministros devem apresentar a firme palavra da profecia como o fundamento da fé dos adventistas do sétimo dia.” — *Idem*, págs. 147 e 148.

### O Culto de Louvor

Como nosso sermão constitui uma parte decisiva do culto semanal, quem está realmente servindo a Deus nesse culto? Não se terá êle transformado numa reunião passiva? No Salmo 95 encontramos expressões apropriadas para o verdadeiro culto: “Vinde, cantemos ao Senhor, com júbilo. . . Saíamos ao Seu encontro, com ações de graça, vitoriamo-Lo com salmos. . . Vinde, adoremos e prostremo-nos;

ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.” Versos 1-6. Ainda conseguimos realizar semelhante programa? Acaso nossos meios de expressão não se tornaram muito deficientes no culto a Deus? Às vêzes, quando assisto a cultos em terras missionárias, fico profundamente impressionado com a vivacidade das pessoas no programa e na adoração. Promovemos reuniões de testemunho, horas de louvor e gratidão? Nenhuma igreja deve negligenciar novos e apropriados meios de embelezar os cultos. O jubiloso canto de corais abre as portas do Céu e prepara o coração anelante para aceitar a Palavra de Deus. Quem possui o dom de cantar deve preparar-se, e oferecer os seus préstimos para o culto. “Da bôca de pequeninos e crianças de peito suscitaste fôrça.” Salm. 8:2. Sem-

(Continua na pág. 24)

---

# O que os Adventistas Têm Ensinado Sobre O ARMAGEDOM E O REI DO NORTE

(Conclusão)

D. E. MANSELL

Redator de Livros na Review and Herald

### Os Pontos de Vista de White e Smith

A PRINCIPAL diferença entre os pontos de vista dos pastôres White e Smith quanto aos eventos escatológicos, centralizava-se em sua identificação do rei do Norte. Suas opiniões a respeito do rei do Norte e do Armagedom eram as seguintes:

Tiago White cria que antes de fechar-se a porta da graça haveria grande agitação política e sentimentos hostis entre as nações. Parece ter acreditado que antes de Roma pagã e papal (o rei do Norte) chegar ao fim, ela mudaria sua sede para os Estados Unidos. Achava que depois de Jesus haver saído do santuário celestial e fechar-se a porta da graça, seriam derramadas as sete últimas pragas. Estas pragas causariam perturbação entre as nações, o que implicaria em guerra, no entanto, mesmo que tôdas as nações se envolvessem nessa guerra, White achava que ela não seria a batalha do Armagedom. Êle afirmava que na sexta praga a Turquia (o Eufrates) chegaria ao fim, e depois então os espíritos do espiritismo (os três espíritos imundos) sairiam do dragão (paganismo?), da bêsta (a igreja papal), e do falso pro-

feta (o protestantismo apostatado?), para ajuntar os reinos da Terra num ataque contra Cristo. Parece que êle imaginava ser esta uma reunião de mentalidades em oposição a Cristo e Seu povo, e não um ajuntamento de forças militares em determinada localização geográfica. Na subsequente batalha do Armagedom os ímpios seriam derrotados pela terrível glória consumidora de Cristo. De acôrdo com sua opinião, o local do Armagedom era simplesmente a região em que Cristo desceria em Sua segunda vinda.

Urias Smith acreditava que antes do término da graça, a Turquia (o rei do Norte) seria compelida a mudar sua capital de Constantinopla para Jerusalém. Esta transferência tornaria a Terra Santa o grande pomo de discórdia entre as corporações religiosas, latinas, gregas e maometanas, e resultaria numa guerra em que a Turquia encontraria rapidamente o seu fim. Smith não equiparava essa guerra ao Armagedom. Pouco depois do fim da Turquia fechar-se-ia a porta da graça e as pragas começariam a cair. (Alguns anos antes de morrer, Smith mudou sua opinião a respeito dêste ponto e ensi-

nou que o fim da Turquia ocorreria durante a sexta praga.) Sob a sexta praga, tudo o que se relacionava com a Turquia e constituía um obstáculo às nações, poderes e reinos situados ao Oriente da Palestina seria inteiramente consumido, e abrir-se-ia o caminho para as nações orientais (os reis do Oriente) a fim de se dirigirem a Oeste, em direcção à Palestina. Os espíritos de demónios procedentes do paganismo (o dragão), do Papado (a bêsta) e de um protestantismo inerte e apostatado (o falso profeta) instigariam então as nações a convergirem para a Palestina durante a posse dessa terra e dos santos sepulcros. Este seria o evidente objetivo da reunião das nações na Palestina. O propósito oculto seria para poderem batalhar contra o Senhor dos exércitos na Segunda Vinda. Para Smith, o Armagedom seria um conflito entre o paganismo, o papado e o protestantismo apostatado, por um lado, e Cristo, por outro lado, na ocasião em que fôsse derramada a sétima praga.

É interessante notar que Smith e White estão em virtual acôrdo no que diz respeito ao tempo, aos antagonistas e ao resultado da batalha: Ela realizar-se-ia por ocasião do Segundo Advento, os antagonistas seriam Cristo e Satanás e, como resultado da batalha, os ímpios seriam derrotados. Havia alguma divergência no tocante ao local e o desígnio da reunião dos ímpios para a batalha. Smith afirmava que a reunião ocorreria na Palestina com o evidente objetivo de tomar posse da terra, mas com o propósito oculto de batalhar contra Cristo. White asseverava que a reunião seria um ajuntamento de mentalidades com o propósito de opor-se a Cristo, e que isto culminaria na destruição dos ímpios no Segundo Advento. Infelizmente, o Pastor White não enunciou os pormenores de seu ponto de vista com tanta clareza como Urias Smith; portanto, não é possível descrever sua opinião com tanta certeza como a de Smith.

Era a respeito da identificação do rei do Norte que Smith e White discordavam completamente. Conforme foi mostrado, Smith afirmava que êsse poder era a Turquia; White interpretava-o como sendo o papado.

### O Período de Smith

Quando Tiago White faleceu, em 1881, os pontos de vista de Smith acêrca do Armagedom e o rei do Norte, que já eram dominantes, continuaram a ser o conceito-padrão dos adventistas do sétimo dia, quanto a êsses ensinos. A bem dizer, todos os nossos escritores, de 1871 a 1940, serviram-se dos postulados de Smith, que declaravam ser a Turquia o rei do Norte e que as nações se ajuntariam na Palestina pa-

ra a batalha do Armagedom. Isto não significa, porém, que o período de Smith se estendeu de 1871 a 1940. Smith sempre afirmou que as nações se reuniriam simplesmente na Palestina durante a sexta praga e que o Armagedom — uma peleja entre Cristo e as forças do mal — não seria travado antes da sétima praga. Êle não ensinava que o Armagedom seria um grande conflito militar na Palestina. Ensinava, porém, que a Turquia chegaria ao fim numa guerra internacional na Palestina, mas acreditava que essa guerra ocorreria antes de fechar-se a porta da graça. Destarte, pode-se dizer que o período de Smith durou até estabelecer-se o ponto de vista de que o Armagedom implicaria um grande conflito internacional na Palestina. Isto sucedeu por volta de 1903.

### O Segundo Período de Transição

Durante os últimos dez ou quinze anos do século dezenove houve por parte dos que escreviam sobre o Armagedom e o rei do Norte, a crescente tendência de salientar a guerra em que a Turquia chegaria ao fim. Entretanto, com raras exceções, êles não igualavam essa guerra com o Armagedom.

Em 1903, o ano em que faleceu Urias Smith, W. A. Spicer, que naquela ocasião era um dos redatores da *Review and Herald* e que mais tarde foi presidente da Associação Geral, tornou-se o principal defensor do ponto de vista de que o Armagedom abrangia um grande conflito internacional na Palestina, após o término da graça. Êste conceito não sofreu oposição, e pouco a pouco foi aceito pela maioria dos adventistas do sétimo dia. Por volta de 1913 tornara-se o ponto de vista denominacional.

Antes de começar a descrever o terceiro período do ensino dos ASD quanto ao Armagedom, será bom considerar um breve interlúdio.

### O Interlúdio de Jones

Alonzo T. Jones foi o redator-chefe da *Review and Herald* de 1897 a 1901. Durante êsse tempo êle introduziu o conceito um tanto singular de que as nações européias e o Japão, que então procuravam dividir a China, e os Estados Unidos, que então se imiscuíam nas Filipinas, eram os reis do Oriente, e que pela divisão da China estava sendo preparado o seu caminho para a futura batalha do Armagedom. Posteriormente Jones identificou êsses reis do Oriente como sendo os reis da Terra e do mundo todo. Esta opinião não subsistiu nem causou impressão duradoura em nossos ensinos. Logo que Urias Smith reassumiu a liderança do órgão oficial da igreja, em 1901, desapareceu êste ponto de vista.

### O Terceiro Período

Embora Spicer ensinasse que o Armagedom era um grande conflito militar e internacional centralizado na Palestina, êle também ensinava que no seu ponto culminante Cristo interviria do Céu, por ocasião do Segundo Advento. No entanto, êle não realçava êste último aspecto, e os que adotaram o seu parecer acêrca de um Armagedom militar realçaram-no menos ainda. Durante a Primeira Guerra Mundial e vários anos depois, êle foi olvidado quase por completo.

Quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial, muitos estadistas e observadores políticos referiam-se a ela como o Armagedom. Os dirigentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeitaram unânimemente esta identificação. Mas quando a Turquia entrou na guerra, no fim de 1914, e o Lorde Asquith, primeiro ministro britânico, declarou que a Turquia tocou seu próprio dobre de finados, começamos a pregar que o seu fim estava iminente e que a guerra de então se transformaria no Armagedom. Na verdade, parecia que as predições que havíamos feito durante anos estavam a ponto de se cumprir, especialmente durante a primeira parte de 1917. A guerra estava sendo desfavorável para os turcos, esboçava-se uma peleja nas proximidades de Jerusalém, e dizia-se que os turcos pretendiam mudar sua capital para fora de Constantinopla.

Então, porém, Jerusalém foi conquistada em 9 de dezembro de 1917, depois de breve luta, e se tornou evidente que os turcos não conseguiriam transferir sua capital para aquela cidade em futuro previsível. Menos de um ano depois, assinou-se o armistício pelos Podêres Centrais, mas a Turquia reencetou a peleja, primeiro sob a autoridade do sultão e depois sob os nacionalistas.

Em outubro de 1922 o Império Otomano chegou ao fim, mas de suas cinzas emergiu a vigorosa e desafiante República da Turquia que pugnou pela vitória e impôs os termos de paz do Tratado de Lausanne, no verão de 1923. Finalmente, no início de março de 1924, a Turquia aboliu o califado, repelindo assim a liderança espiritual do maometismo, que ela mantivera durante séculos.

### O Terceiro Período de Transição

Esta sucessão de acontecimentos fêz com que alguns de nosso povo reconsiderassem a opinião que então preconizávamos, a saber, que a Turquia era o rei do Norte. Dentro em pouco uma minoria renovou a idéia de que o papado era o rei do Norte. A maioria dos adventistas do sétimo dia continuaram no entanto a manter o outro ponto de vista, mas agora a ênfase em

nosso ensino consistia em ser o Armagedom uma peleja militar do Oriente contra o Ocidente, na Palestina, com a intervenção de Cristo no final. Essa ênfase por certo surgiu devido à crescente beligerância do Japão, o despertamento e o tumulto na China durante a década de 1920, e a ameaça do comunismo russo, no mesmo período. Mas na metade da década de 1930, quando começaram a formar-se e consolidar-se as coligações políticas que levaram à Segunda Guerra Mundial, evidenciou-se que as linhas separatórias entre as grandes potências do mundo não eram o Oriente contra o Ocidente, mas o Eixo contra os Aliados. Por isso, salientou-se cada vez mais a parte de Cristo no Armagedom. Afinal alguns excluíram totalmente o conflito militar e interpretaram o Armagedom como a última grande luta entre Cristo e Seus seguidores e Satanás e seus seguidores. Os debates entre os defensores desses pontos de vista durante as décadas de 1940 e 1950 foram um tanto acalorados, mas gradualmente o nôvo conceito foi atraindo cada vez mais aderentes, até tornar-se, com certas modificações, o ponto de vista denominacional por volta de 1952.

### O Quarto Período

A opinião mantida pela maioria dos ASD desde 1952 é que o Armagedom abrange tanto uma batalha física como uma batalha entre os seguidores de Cristo e os de Satanás, mas que a principal questão é a grande controvérsia entre o bem e o mal. Alguns de nosso povo tendem a realçar os aspectos físicos desse ponto de vista, ao passo que outros realçam a luta entre as forças do bem e as do mal.

Cuidadosa análise dessas ênfases revela que os seus defensores não querem dizer a mesma coisa ao falarem de batalha "física." Os que salientam os aspectos físicos do Armagedom comumente indicam um grande combate militar e internacional na Palestina, antes do Segundo Advento ou por ocasião dêle; já os que salientam o conflito entre as forças do bem e as do mal indicam em geral a matança dos ímpios sôbre tôda a Terra por mútua peleja entre êles depois que Cristo aparecer nas nuvens do céu.

Em consequência da recente guerra no Oriente Médio, tem havido nôvo interêsse entre nosso povo no tocante ao que ensinamos a respeito do Armagedom e o rei do Norte. Por esta razão, convém que todo adventista do sétimo dia esteja inteirado do que ensinamos sôbre êstes assuntos no passado, bem como do que o Espírito de Profecia diz a seu respeito. Assim fazendo, obteremos uma visão mais clara da natureza dessa batalha. Isto nos ajudará a evitar algumas das ciladas que afligiram nossos antepassados, e nos habilitará ao mesmo tempo a dar relevância a nossa mensagem.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## UM CONCEITO MAIS AMPLO A RESPEITO DA EXPIAÇÃO

(Continuação)

**O** ESTUDO de certas experiências do Antigo Testamento, que não se relacionam com o santuário, ajudará a ilustrar alguns dos significados derivados prôpriamente da palavra hebraica *kaphar*, vertida por "expição":

1. Notai o incidente relacionado com Moisés e Arão e a formação do bezerro de ouro. Isto é relatado em Êxodo 32. Somos informados ali da infidelidade do povo enquanto Moisés se achava no monte, com Deus. Sob a orientação de Arão eles fizeram um bezerro de ouro, que lembrava sua permanência de muitos anos na terra do Egito. Quando Moisés desceu do monte, êle ficou grandemente perturbado com a apostasia do povo, e foi nesse momento decisivo que a tribo de Levi se colocou a seu lado. Disse êle então para Israel: "Vós cometestes um grande pecado. Agora subirei a Jeová; porventura farei expiação pelo vosso pecado." Êxodo 32:30 — Tradução Brasileira. Eis aí uma expiação feita evidentemente sem sacrifício de sangue e sem que qualquer sangue fôsse aspergido sôbre o altar. Como sucedeu isto? Moisés não apresentou uma oferta sacrificial ao Senhor; não, êle fêz uma expiação pelo fato de *tomar o lugar do povo*. Com efeito, tornou-se o substituto dêles. Nisto êle era uma figura apropriada do Senhor Jesus, o Salvador da humanidade. Em seu ardente desejo de que o povo fôsse salvo, êle prontificou-se a ser riscado do livro da vida. "Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste." Verso 32.

2. Outro exemplo é o caso de Davi em seu contato com os gibeonitas. A narrativa encontra-se em II Samuel 21. Saul matara muitos gibeonitas, que os israelitas haviam solenemente prometido preservar. Procurando reparar o dano que fôra causado, Davi chamou os representantes dos gibeonitas e disse-lhes: "Que quereis que eu vos faça? *com que farei expiação?*" Verso 3 — Tradução Brasileira. Então vem o relato do que foi feito em seguida.

Quando foram enforcados sete descendentes de Saul, *efetuou-se a expiação*. Aí e sa palavra significa *fazer reparação adequada do erro cometido*. Este aspecto também está incluído no extenso âmbito da obra expiatória de Cristo. Isto é salientado nas seguintes palavras:

"[Cristo] subiu às côrtes celestiais, e ouviu do próprio Deus a afirmação *de que Sua expiação pelos pecados dos homens fôra ampla*, de que por meio de Seu sangue todos poderiam obter a vida eterna. O Pai ratificou o concêrto feito com Cristo, de que receberia os homens arrependidos e obedientes, e os amaria mesmo como ama a Seu Filho. Cristo devia completar Sua obra, e cumprir Sua promessa de que 'o varão será mais precioso que o ouro, e o homem sê-lo-á mais que o ouro acrisolado.'" — ELLEN G. WHITE, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 590. (Grifo nosso.)

"Quando, sôbre a cruz, soltara o brado: 'Está consumado,' dirigira-Se ao Pai. O pacto fôra plenamente satisfeito. Agora Êle declara: 'Pai, está consumado. Fiz, ó Meu Deus, a Tua vontade. Concluí a obra da redenção. Se a Tua justiça está satisfeita, quero que, onde Eu estiver, também êles estejam comigo.' . . . Ouve-se a voz de Deus proclamando que a justiça está satisfeita." — *Idem*, pág. 621.

3. Um outro incidente, relatado em Números 16, ilustra muito bem mais um aspecto da expiação. Israel provocara fortemente ao Senhor. O povo murmurara contra Deus; 250 príncipes, varões de renome, se haviam rebelado contra o Altíssimo. Como resultado desta apostasia, irrompeu uma praga no acampamento de Israel. Em conexão com isto, temos esta declaração divina:

"Disse Moisés a Arão: Toma o teu incensário, . . . vai depressa à congregação, e faz expiação por êles." Verso 46.

"Tomou-o Arão, como Moisés lhe falara, correu ao meio da congregação (eis que já a praga havia começado entre o povo) e deitou incen-

so nêle, e *fêz expiação pelo povo*. Pôs-se em pé entre os mortos e os vivos; e cessou a praga." Versos 47 e 48.

Vemos aí a Arão como mediador, uma figura apropriada de Cristo Jesus, nosso bendito Senhor. Colocando-se assim entre o homem e Deus, e por sua abnegação e devoção sacrificial, *pondo-se em pé entre os vivos e os mortos*, protegendo o povo contra a ira de Deus, *fêz dêsse modo uma expiação por êles*.

4. Há, porém, outro aspecto da questão que merece ser considerado. Isto se deduz da narrativa registrada em Números 25. Israel fôra seduzido pelas artimanhas dos pagãos ao seu redor. Pecaram gravemente perante Deus, cometendo as abominações dos cananeus. Um homem trouxe uma mulher pagã para o acampamento. Deus mostrou Seu desagrado enviando uma praga entre o povo. Então Finéias, neto de Arão, compreendendo a seriedade da ofensa, saiu em nome de Deus e matou os ofensores. Quando isto foi feito, cessou a praga. Em virtude do zelo pela obra de Deus manifestado por êsse homem, disse o Senhor:

"Eis que lhe dou a Minha aliança de paz. E êle, e a sua descendência depois dêle, terá aliança do sacerdócio perpétuo; porquanto teve zelo pelo seu Deus, e *fêz expiação* pelos filhos de Israel." Versos 12 e 13.

Neste exemplo vemos que êste sacerdote leal *fêz uma expiação removendo os ofensores impenitentes*. Êste aspecto do plano de Deus era ensinado a Israel no serviço do santuário, com a chegada anual do Dia da Expição. O ato final nesse grande dia era a remoção do bode para Azazel, que representava o instigador do mal. Êsse bode era tirado do acampamento de Israel e banido para sempre. Assim será na obra final de Deus. Então o Seu derradeiro ato no grande plano de purificar o universo do pecado consistirá na remoção do maior de todos os ofensores, aquêle que foi mentiroso desde o princípio, o antigo inimigo, o diabo e Satanás.

Estas quatro experiências nos ensinam vitais e importantes lições a respeito da obra da expiação. No eterno propósito de Deus, Aquêle que faz a expiação é o Mediador. Tudo no serviço típico — os sacrifícios e a obra do sacerdócio — apontava para Jesus Cristo, nosso Senhor. Êle colocou-Se em nosso lugar e morreu por nós. Ao fazer isto, tornou-Se nosso substituto. Ao morrer na cruz e ao entregar a vida como expiação pelo pecado, Êle fêz adequada reparação do êrro cometido; sofreu tôda a punição da lei de Deus que havia sido transgredida.

"O sacrifício de Cristo em favor do homem foi amplo e completo. A condição da expiação

tinha sido preenchida. A obra para que viera a êste mundo tinha sido realizada." — ELLEN G. WHITE, *Atos dos Apóstolos*, pág. 29.

Mas a obra efetuada no Calvário abrange também a aplicação do sacrifício expiatório de Cristo à alma anelante. Isto é providenciado no ministério sacerdotal de nosso bendito Senhor, nosso grande Sumo Sacerdote no santuário do Céu.

Não somente Seu povo é purificado do pecado pelo sacrifício do Filho de Deus, e salvo para o presente e a eternidade, mas todo o universo será purificado da mancha da iniquidade quando fôr completamente destruído o autor do pecado. A seguir virá um nôvo céu e uma nova Terra (II S. Pedro 3:13) que será o lar eterno dos remidos de tôdas as épocas, que foram resgatados pelo precioso sangue do Cordeiro.

Alguns dos primitivos escritores adventistas do sétimo dia, crendo que a palavra "expiação" possuía um sentido mais amplo do que pensavam muitos de seus amigos cristãos, expressaram-se de molde a indicar que a expiação não foi efetuada na cruz do Calvário, mas foi realizada por Cristo após o início de Seu ministério sacerdotal no Céu. Êles criam plenamente na eficácia do sacrifício de Cristo para a salvação do homem, e acreditavam com a maior convicção que êste sacrifício foi efetuada uma vez por tôdas e para sempre, mas preferiam não usar a palavra "expiação" como referindo-se apenas à obra sacrificial de Cristo no Calvário. Repetimos: êles acreditavam com a mesma certeza que nós, que a obra sacrificial de nosso bendito Senhor, na colina do Calvário, foi ampla e completa, não precisando ser oferecida novamente, e que foi efetuada uma vez por tôdas. Sua opinião era que o sacrifício de Jesus *proveu* os meios da expiação, e que a expiação em si só era efetuada quando os sacerdotes *ministravam* a oferta sacrificial em favor do pecador. Encarando a questão sob êste aspecto, ver-se-á que afinal de contas ela consiste apenas na definição de expressões. Atualmente, não tendo de enfrentar os mesmos pontos que nossos escritores primitivos, cremos que o sacrifício expiatório foi realizado na cruz e *provido* para todos os homens, mas que no ministério sacerdotal de Cristo, no Céu, êste sacrifício expiatório é *aplicado* à alma anelante.

A ênfase a êste conceito mais amplo não deprecia, porém, de maneira alguma a completa eficácia da morte do Filho de Deus, uma vez por tôdas, pelos pecados dos homens. É lamentável que a falta de definição conduza muitas vêzes a uma compreensão errada do mais grandioso assunto da mensagem cristã. — *Questions on Doctrine*, págs. 343-348.

## Ministério Pessoal no . . .

(Continuação da pág. 19)

pre que houver alguém desejoso de enfeitar o sanuário com flôres, deve compreender que semelhante ação constitui realmente um belo ato de amor. A beleza dos cultos divinos dentro do Movimento Adventista deveria tornar-se um exemplo para tôdas as outras denominações, pois quem possui maiores motivos para oferecer ações de graça e louvor, para ajoelhar-se e prestar culto, do que os adventistas do sétimo dia? Por certo, também há tempo de "guardar silêncio," mas essa quietude não deve transformar-se no silêncio de um cemitério.

"A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo! . . . Bem-aventurados, Senhor, os que habitam em Tua casa: louvam-Te perpétuamente." Sal. 84:2-4. Nossas expressões, nossa reverência e a beleza de nosso cultos sempre devem ter a aprovação divina, e o Senhor recompensará abundantemente nossa inteireza de propósito.

"Oh! quem me dera servir-me de linguagem suficientemente vigorosa para causar a impressão que desejo sobre meus companheiros de obra no evangelho! Meus irmãos, estais lidando com as palavras da vida; estais tratando com espíritos capazes do máximo desenvolvimento. Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, por tal forma, que êle apresente estas verdades ao povo em amor, e profundo zêlo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado.

"Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que tôdas as vossas forças convirjam para dirigir ao 'Cordeiro de Deus' almas confusas, transviadas, perdidas. Erguei-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde Àquele que 'vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós.' Efés. 5:2. Seja a Ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja Êle manifestado em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 159 e 160.



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator-responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:  
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual . . . . . US \$ 3,00  
Número Avulso . . . . . US \$ 0,50



Ano 34

N.º 4

### NESTE NÚMERO

#### ARTIGOS GERAIS

- Subindo Mais Alto ou o Valor de Farpas  
Espirituais  
José N. Hunt . . . . . 2
- As Saltitantes Rãs do Apocalipse  
E. E. Cleveland . . . . . 6

#### EDITORIAL

- Os Fragmentos do Tempo  
Enoch de Oliveira . . . . . 5

#### OBRA PASTORAL

- A Mordomia do Tempo por Parte dos Obreiros  
K. F. Ambs . . . . . 9
- "Raposinhas" que Prejudicam o Êxito dos  
Ministros  
Lester G. Storz . . . . . 10
- Visitar com um Objetivo em Vista  
Rúben A. Hubbard . . . . . 12

#### EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

- A América do Sul, a Mensagem Adventista e  
Método — 1.ª Parte  
Enoch de Oliveira . . . . . 14
- Ministério Pessoal no Sermão e no Culto  
Divino  
Karl F. Noltze . . . . . 17

#### PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

- O Que os Adventistas Têm Ensinado Sobre  
o Armagedom e o Rei do Norte  
D. E. Mansell . . . . . 19

#### PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

- Um Conceito Mais Amplo a Respeito da Ex-  
piação  
(Continuação) . . . . . 22

